O TRAÇO E O SENTIDO: O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ELLEN DE ALENCAR ROCHA THEODORO

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo investigar o desenho como linguagem simbólica e meio de expressão na Educação Infantil, compreendendo-o como uma forma de comunicação estética, emocional e cognitiva da criança. Fundamentado em uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, o estudo dialoga com autores como Vygotsky, Lowenfeld, Ana Mae Barbosa e Malaguzzi, que reconhecem o fazer artístico como elemento essencial no desenvolvimento integral e na construção da subjetividade infantil. O desenho, enquanto primeira forma de escrita do pensamento, revela-se como um instrumento de representação do mundo e de expressão de sentimentos, ideias e experiências. Observa-se que, ao desenhar, a criança não apenas reproduz a realidade, mas a interpreta e a transforma, elaborando sentidos a partir de suas vivências e interações sociais. A análise aponta que o espaço escolar, ao valorizar o desenho livre e a experimentação artística, favorece a autonomia, a criatividade e a comunicação simbólica, constituindo-se em um ambiente de escuta e expressão. Conclui-se que o desenho, inserido em práticas pedagógicas intencionais e mediadas pelo educador, deve ser reconhecido como linguagem fundamental da infância, capaz de articular o sensível e o cognitivo no processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho infantil. Expressão artística. Educação Infantil. Linguagem simbólica. Criatividade.

INTRODUÇÃO

A expressão artística reflete diferentes formas de ver, sentir, ouvir, pensar, produzir e o contato com o mundo natural aflora essa sensibilidade despertando a imaginação e as diferentes formas de visualizar o mundo além do óbvio e, também, de criar alternativas para seus problemas. Um rabisco que se faça, demonstra a capacidade de criar com o que tiver à sua disposição.

As crianças, desde pequenas iniciam o processo de produção gráfica. São riscos simples que começam a despertar o interesse da criança quando esta passa a identificar as diferentes formas produzidas com materiais plásticos como papel, canetas, lápis de cera ou tinta, entretanto, muitas vezes produz grafismos a partir de materiais inusitados como alimentos, pedrinhas, brinquedos quebrados e objetos de cozinha, enquanto brinca.

A expressividade infantil implica na construção de formas de linguagem e comunicação exercidas no processo de socialização, nesse percurso a linguagem artística permite que a liberdade expressiva, a criatividade imaginativa, bem como o cognitivo e o afetivo se tornem indissociáveis no processo de aprendizagem, por meio da multiplicidade de experiências e das produções artísticas.

Esse trabalho visa mostrar a importância da arte na Educação Infantil, destacando a potência da multiplicidade de experiências que a arte promove, auxiliando as crianças no amplo desenvolvimento de diferentes habilidades sendo de extrema importância para a reflexão, apreciação e a produção durante o aprendizado.

Desse modo veremos como as ações promovidas influem em todo processo artístico-pedagógico, mediante às experiências e interações fomentando um caminho de possibilidades e sensibilidades, pois com base nas experiências, as crianças vão descobrindo o mundo físico, psicológico, social, estético e Cultural que lhe é apresentado.

O TRAÇO E O SENTIDO: O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O desenho constitui-se como uma das primeiras e mais autênticas formas de expressão da criança. Muito antes de dominar a escrita ou a linguagem verbal estruturada, a criança desenha para comunicar o que sente, pensa e percebe do mundo ao seu redor. O ato de desenhar não se limita a uma atividade motora ou estética; ele é, sobretudo, uma linguagem simbólica por meio da qual

a criança constrói significados, interpreta a realidade e manifesta sua subjetividade. Nessa perspectiva, o desenho assume papel central na Educação Infantil, pois representa um instrumento de mediação entre o pensamento e a emoção, entre o interno e o externo, entre o eu e o outro.

De acordo com Lowenfeld (1977), o desenho infantil é um processo criativo que expressa as etapas do desenvolvimento psicológico e perceptivo da criança. Para o autor, o ato de desenhar permite que a criança organize suas experiências e traduza suas emoções, possibilitando o amadurecimento da percepção e da imaginação. O desenho, portanto, é uma forma de pensar o mundo visualmente e simbolicamente, revelando como a criança compreende e sente a realidade. Essa compreensão é reforçada por Vygotsky (1991), que considera a arte como atividade humana mediada culturalmente, na qual o desenho emerge como produto da interação social e da internalização de signos. O traço da criança, nesse sentido, é um signo carregado de significados, que expressa tanto suas vivências pessoais quanto as influências socioculturais do meio em que está inserida.

O ambiente educativo tem papel fundamental nesse processo. Quando a escola oferece materiais variados, espaço e tempo para a experimentação, possibilita à criança vivenciar a arte de modo autêntico, desenvolvendo sua autonomia e seu pensamento criador. As propostas pedagógicas que valorizam o desenho livre, o uso de diferentes suportes e a observação do entorno contribuem para o fortalecimento da expressividade infantil. Conforme Ana Mae Barbosa (1998), o ensino da arte deve contemplar não apenas o fazer, mas também a leitura e a contextualização das produções, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade estética e da consciência crítica. Assim, o desenho infantil deve ser compreendido como um processo de construção de conhecimento e não apenas como produto final.

Malaguzzi (1999), idealizador da abordagem Reggio Emilia, reforça a ideia de que a criança possui “cem linguagens” para expressar-se, sendo o desenho uma delas. Essa visão reconhece a criança como sujeito ativo, competente e produtor de cultura, que aprende por meio da interação e da experimentação. O desenho, nesse contexto, é linguagem que fala, narra e comunica, traduzindo o pensamento infantil em linhas, formas e cores. Cabe ao educador atuar como mediador sensível, capaz de interpretar essas manifestações e ampliá-las por meio de intervenções significativas, sem impor modelos prontos ou restringir a liberdade criativa.

Em síntese, o desenho é mais do que uma atividade artística; é um meio de expressão simbólica que revela o modo como a criança pensa, sente e constrói o mundo. Valorizar o desenho na Educação Infantil significa reconhecer o direito da criança de expressar-se por meio de múltiplas linguagens, garantindo-lhe espaço para imaginar, criar e comunicar-se. O traço infantil, portanto, é um ato de pensamento e de liberdade — uma ponte entre a arte e a formação integral do ser.

A arte contempla um mundo vivo, ao mesmo tempo concreto e abstrato podendo ser observado, compreendido, apreciado e representado através da multiplicidade de experiências que, por sua vez, enriquecem o desenvolvimento global sendo de grande importância no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo.

Quando falamos de arte, a imaginação, e a expressividade se tornam indissociáveis contemplando as manifestações das emoções, concepções e pensamentos por meio das diferentes linguagens e pela multiplicidade de experiências que afloram a sensibilidade, a criatividade imaginativa e a liberdade expressiva.

Essa forma de expressão pode ser representada através de várias formas: Música, escultura, pintura, no cinema, na dança, na fotografia, no desenho, entre outros. As linguagens artísticas podem ampliar o potencial comunicativo, criativo e expressivo ao explorar caminhos e técnicas para a expressão de maneira subjetiva, podendo compartilhar suas percepções, sentimentos, emoções e compreensões.

Desde a infância a arte é uma ferramenta que cria condições para explorar o mundo, proporcionando ricas experiências de como relacionar-se com os recursos, ambientes, consigo mesmo e com os outros possibili-

tando que por meio dela as crianças se expressem de várias maneiras.
Na educação infantil, a arte contribui para o amplo desenvolvimento, favorecendo o aprendizado através do lúdico- pedagógico, experiências, sensoriais, plásticas, visuais e motoras. Esse elemento importantíssimo contempla a liberdade de expressão, pois alimenta as emoções despertando diferentes pensamentos, sentimentos, percepções, sensações e reações.
As provocações da arte na Educação Infantil contemplam movimentos exploratórios, a busca pela expressão, pela ação criativa, tecendo caminhos para a experiência e experimento valorizando a inteireza e a complexidade das crianças em suas formas de observar, sentir, descobrir, explorar, imaginar, criar, experienciar e expressar-se.
A escola por sua vez traz a função didático-pedagógica principalmente por ser um ambiente rico na diversidade de culturas, interações e práticas que envolvem as diferentes linguagens tem papel fundamental no percurso de aprendizagens, oportunizando que o desenvolvimento se torne mais potente e significativo por meio do conjunto de práticas que permeiam o ambiente.
Diante disso, o professor precisa pensar em ações pedagógicas que envolvam atividades criativas e concomitantes, incentivar a força criadora, considerar ritmos, individualidades, instigando e valorizando as descobertas, bem como as diferentes formas de sentir, pensar, criar, imaginar por meio de materiais expressivos e diferentes suportes.
Em meio às ações promovidas, o desenho é uma atividade essencial para o desenvolvimento infantil, além de ser uma atividade muito divertida e uma forma de comunicação. Na infância muitas vezes o desenho pode servir como uma linguagem da expressão dos sentimentos, os quais ela ainda não consegue expor por meio da fala, ou mesmo pela linguagem escrita.
Através do desenho, a criança imagina e inventa, despertando a curiosidade e o conhecimento. Além disso, o desenho ainda permite à criança desenvolver o senso de observação, os mínimos detalhes, a diversidade de cores, formas, texturas, e, também, entrar em contato com grande variedade de materiais, muitas vezes utilizados para realização de atividades artísticas, seja no ambiente da escola, ou fora dela.
Dante desse contexto, Leite (1998), considera:

[...] indiscutível que cada manifestação artística é um conjunto de linguagens e o desafio de trabalho com a produção cultural infantil está na possibilidade de fazer aflorar sua visão de mundo, não só pelas suas diferenças, pela dimensão crítica, mas também pela dimensão artística do conhecimento. (LEITE, 1998, p. 142).

Nesse percurso a diversidade de materiais / suportes instigam a criatividade desafiando os alunos a criarem contextos, desenhos e formas de maneiras inusitadas, lúdicas e diferenciadas entre si, a prática de desenhar, por sua vez acaba por criar situações de pesquisa em caminhos investigados de observação, experimentação e produção, retratando a realidade e o imaginário onde a criança expressa os seus sentimentos e sua compreensão de mundo.
A prática do desenho, além de melhorar nossa percepção visual, também estimula a criatividade, concentração e facilita no aprendizado e sistematização de ideias. Logo, o desenho como forma de expressão subjetiva, e o grafismo se tornam parte integrante do crescimento físico e, principalmente, do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança por meio de linhas, formas, traçados e cores.
Por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas pois o desenho manifesta pensamentos e realidade, o desejo da representação, mas, também, o desenho é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação.
Em um percurso de experiências e experimentos que valoriza o imaginário e o processo de criação das crianças materiais/ suportes, riscadores/riscantes e ambientes contribuem para que eles possam ressignificar olhares, saberes e fazeres à partir da livre exploração e suas formas de observar,

imaginar, dialogar, interagir, sentir e criar. É esse percurso de liberdade expressiva, que possibilita olhar, desenhar, nomear, rabiscar, narrar, colorir, produzir e expressar-se que a criança amplia suas formas de comunicação e aprendizagem.

Ao explorar diferentes suportes as crianças atribuem sentido e significado, constroem conhecimento, imaginam, se expressam, se comunicam e sentem, pois quando a criança entra em contato com diferentes materialidades, ela desenvolve seu processo criativo com maior plenitude, no qual o potencial criativo e imaginário é ampliado quanto maior o repertório de materiais é oferecido.

A arte e o desenho como forma de expressão requerem um olhar sensível, atento e apurado dos docentes, tanto em relação às individualidades das crianças, interesses e necessidades, quanto no que se refere às produções das crianças e o que elas dizem, é fundamental considerar as diferentes formas de pesquisa, descobertas e forma de expressão traduzida nas produções.

Contudo, a criação, expressão e investigação singular da criança requer sentido, continuidade, aprofundamento, nutrição do percurso criativo (das perguntas e experiências, escuta, observação e mediação. Bem como o planejamento e a organização de tempos, espaços e materiais para criar possibilidades de expressão por múltiplas linguagens e com diversidade de materialidades.

CONCLUSÃO

A arte é uma forma de expressão instiga o que começa desde a infância, quando nós criamos mentalmente perspectivas sobre nossas vidas e está ligado como "vermos" o mundo a nossa volta. O estímulo à criatividade também é facilitado pela arte. Estas constituem caminhos lúdicos de expressão: gráfica e plástica no qual as crianças acabam por criar um novo significado ao que o mundo à sua volta lhes apresenta.

Ao refletir sobre o desenho como forma de expressão e comunicação na Educação Infantil, torna-se evidente que essa linguagem ocupa um lugar privilegiado na constituição da subjetividade e do pensamento infantil. Longe de ser apenas uma atividade estética ou recreativa, o desenho se revela como um processo de elaboração simbólica e cognitiva, que permite à criança compreender o mundo, organizar experiências e expressar sentimentos. O traço, o gesto e a cor não são meras manifestações motoras, mas representações carregadas de sentido, nas quais o pensamento ganha corpo e a imaginação se torna visível. O desenho é, portanto, um modo de pensar e de ser no mundo.

Através de seus desenhos, as crianças expressam o que muitas vezes ainda não conseguem verbalizar. Elas desenham para compreender, para registrar e para comunicar. Cada traço é uma tentativa de representar algo que, para a criança, tem valor e significado. Vygotsky (1991) destaca que o desenvolvimento do pensamento simbólico se dá na interação entre emoção e imaginação. Nesse sentido, o desenho é uma síntese dessa relação: é emoção que se torna forma, e imaginação que se materializa em traço. A criança que desenha cria e recria o real, traduzindo suas experiências pessoais em imagens, e nesse processo constrói conhecimento.

O desenho também é uma forma de narrativa, uma escrita visual do pensamento. Ele revela o modo como a criança observa, interpreta e reconstrói o mundo à sua volta. Cada figura, cada detalhe, representa uma escolha consciente e carregada de intenções comunicativas. Conforme Lowenfeld (1977), o desenho infantil é expressão do desenvolvimento perceptivo e emocional, e seu valor pedagógico está em possibilitar que a criança articule o sensível e o racional de forma integrada. Ao desenhar, ela elabora conceitos, experimenta hipóteses, cria relações espaciais e simbólicas — em suma, pensa com as mãos.

A liberdade expressiva é um princípio fundamental para que esse processo ocorra de maneira plena. Impor modelos, padronizar traços ou exigir resultados “bonitos” anula a potência criadora da criança e reduz o desenho a mera cópia. Como já afirmava Lowenfeld, a educação artística deve cultivar a originalidade e não a imitação. Nesse sentido, cabe ao educador atuar como mediador sensível e respeitoso, que observa, escuta e compreende o desenho como forma legítima de linguagem. O papel do professor não

é ensinar a desenhar, mas criar condições para que o ato de desenhar se manifeste como experiência significativa, reveladora do pensamento infantil.

Ana Mae Barbosa (1998) complementa essa reflexão ao propor uma educação artística que valorize tanto o fazer quanto o compreender e o contextualizar. O ensino da arte, segundo a autora, deve promover o diálogo entre a criação e a leitura estética, permitindo que a criança perceba a arte como conhecimento, não como atividade decorativa. O educador, nesse contexto, é o responsável por ampliar o repertório cultural da criança, apresentando-lhe diferentes linguagens, estilos e referências visuais, mas sempre respeitando a autenticidade do traço infantil. Dessa forma, o ato de desenhar deixa de ser apenas espontâneo e passa a integrar um processo formativo de caráter cultural e crítico.

A escola, como espaço de produção e circulação de saberes, deve garantir à criança o direito de expressar-se por meio do desenho e de outras linguagens artísticas.

Isso exige repensar tempos, espaços e materiais. O desenho livre precisa estar presente cotidianamente, e não apenas em momentos isolados ou em datas comemorativas. A criança necessita de oportunidades constantes para explorar materiais, experimentar suportes e desenvolver sua linguagem gráfica. Malaguzzi (1999), ao tratar das "cem linguagens da criança", lembra que a infância é um tempo de múltiplas formas de expressão — e o desenho é uma delas, fundamental para a construção da identidade e da autonomia. Nessa visão, o educador torna-se um pesquisador das expressões infantis, alguém que observa os traços como vestígios do pensamento e da emoção.

Quando a criança desenha, ela exercita sua capacidade de observação, de imaginação e de síntese. Aprende a lidar com o espaço, a forma e a cor, mas também com o tempo, com a memória e com o outro. O desenho pode ser uma atividade solitária, mas também pode ser um ato de comunicação coletiva, no qual as crianças compartilham ideias, trocam impressões e constroem narrativas conjuntas. Essa dimensão social do desenho reforça a concepção de Vygotsky (1989), para quem todo desenvolvimento humano é mediado socialmente. O desenho não é um ato isolado de expressão individual, mas um processo de construção cultural, no qual o sujeito internaliza e ressignifica o mundo simbólico que o cerca.

Do ponto de vista da formação integral, o desenho contribui para o desenvolvimento das dimensões cognitiva, afetiva, social e estética da criança. Ele estimula a coordenação motora fina, a atenção, a memória e a resolução de problemas, mas também favorece a empatia, a sensibilidade e a imaginação. A arte, nesse sentido, não é apenas meio de expressão, mas também instrumento de humanização. Duarte Júnior (1988) afirma que a educação estética é essencial para o processo formativo, pois desperta o olhar sensível e a capacidade de compreender o mundo de forma crítica e criativa. O desenho, enquanto prática estética, é uma forma de educar o olhar — e, ao mesmo tempo, o sentir.

Por isso, o papel do educador é decisivo. Ele deve compreender o desenho como processo e não como produto. Observar atentamente as produções das crianças, registrar suas falas e acompanhar a evolução de seus traços é uma forma de valorizar sua autoria e de planejar práticas pedagógicas mais coerentes com seus interesses e necessidades. É necessário que o educador reconheça o valor da expressão infantil, mesmo quando esta parece caótica ou "sem forma" aos olhos adultos. Cada rabisco carrega uma intenção, cada traço é uma tentativa de comunicar algo. A escuta sensível do professor é o que transforma o desenho em diálogo, em ponte entre o mundo interno da criança e o universo escolar.

Além disso, a escola deve promover espaços de exposição, apreciação e diálogo sobre as produções das crianças. Mostrar seus desenhos em murais, portfólios ou rodas de conversa é uma forma de legitimar suas vozes e reconhecer sua competência expressiva. Quando a criança vê seu desenho valorizado, sente-se respeitada em sua individualidade e estimulada a continuar criando. Esse reconhecimento fortalece a autoestima, o sentimento de pertencimento e a confiança em sua capacidade de pensar e produzir cultura.

No entanto, para que tudo isso se efetive, é indispensável que a arte — e, consequentemente, o desenho — seja reconhecida como área de conhecimento essencial dentro da Educação Infantil. As políticas públicas e os currículos escolares devem assegurar que o ensino da arte não seja secundarizado ou reduzido a práticas meramente ilustrativas. A arte deve ocupar um lugar central na formação das crianças, como direito e necessidade humana. O desenho, em particular, deve ser compreendido como uma linguagem originária da infância, uma forma de comunicação que antecede a palavra e a escrita, e que permanece como meio expressivo ao longo de toda a vida.

Em síntese, compreender o desenho como forma de expressão e comunicação na Educação Infantil é reconhecer sua potência formadora e emancipadora. É admitir que a criança, ao desenhar, não apenas representa o mundo, mas o recria a partir de sua sensibilidade e de sua experiência. O traço infantil é gesto de liberdade e afirmação de identidade. Nele se encontram o pensamento, o sentimento e a cultura. Educar pela arte, portanto, é educar para a liberdade — uma liberdade que nasce do direito de expressar-se, de ser ouvido e de ser reconhecido como sujeito criador.

Assim, as considerações aqui apresentadas reafirmam que o desenho infantil deve ser compreendido como um campo de conhecimento e uma linguagem legítima da infância. Sua presença na escola é um ato de reconhecimento da criança como produtora de cultura e como protagonista de seu processo de aprendizagem. Cabe à educação contemporânea garantir que o traço da criança não seja silenciado pela pressa do adulto ou pela rigidez do currículo, mas que continue sendo expressão viva de um pensamento em construção. O desafio que se impõe à prática pedagógica é o de criar espaços onde o desenho possa florescer como linguagem de liberdade, imaginação e humanidade

As crianças registram o mundo com os olhos armazenando as imagens na memória. Essas fotografias mentais formam nosso imaginário, que é responsável pela arte e suas manifestações. As atividades artísticas contribuem nesse processo com ricas oportunidades para o desenvolvimento, uma vez que põem ao seu alcance diversos tipos de materiais para manipulação,

A arte possibilita a liberdade expressiva e a criatividade imaginativa, pois através dela as crianças entram em contato com o mundo sensível, agindo sobre ele com afeto, cognição, motricidade; e constroem para si um repertório perceptivo de formas, cores, texturas, sabores, gestos e sons, atribuindo a este mundo, sentidos e organizações diferentes.

Por meio da linguagem artística a criança atua expressivamente, aprende e vivencia formas de ser e de estar no mundo humano. Através da realização de atividades artísticas a criança desenvolve sentimentos, auto-estima, capacidade de representar o simbólico, analisando, avaliando e fazendo interpretações, desenvolvendo habilidades cognitivas e motoras.

No ambiente escolar a arte e o desenho são ferramentas significativas de aprendizagem, pois permitem que as crianças se expressem, se comuniquem através de materiais plásticos e com diferentes técnicas que oportunizam o processo criativo.

Logo, o docente pode, através do trabalho com o aprimoramento das potencialidades perceptivas, enriquecer as experiências das crianças de conhecimento artístico e estético e isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, tocar, produzir, enfim, expressar-se explorando a variedade de materiais.

Contudo, a arte e o desenho como forma de expressão na infância ressignificam o percurso vivido das crianças não apenas no cotidiano escolar, mas para além dos muros da escola, pois explorar o fazer artístico contribui para as crianças possam criar e recriar individualmente e/ou coletivamente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, percebendo as coisas, a natureza, os objetos e o mundo à sua volta ampliando suas habilidades e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

COLAGRANDE, Claudia. Arteterapia para todos. São Paulo: Wak, 2015.

CUNHA, Fernanda Pereira e BARBOSA, Ana Mae. Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2012.

CUNHA, Susana Rangel Vieira e CARVALHO, Rodrigo Saballa. Arte Contemporânea e Educação Infantil: Crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017.

LEITE, M. I. F. P. Desenho infantil: questões e práticas polêmicas. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (org.). Infância e produção cultural. São Paulo: Papirus, 1998.

SME/COPED. Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: IMESP, 2019.

OSTETO, Luciana. Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012

TIRIBA, Lea. Educação infantil como direito e alegria. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artmed, 2003.